



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE DIAS RODRIGUES

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA:
ANALISANDO A IDENTIDADE E DIFERENÇA NO LIVRO *MENINA BONITA DO
LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO**

GUARABIRA – PB

2021

ALINE DIAS RODRIGUES

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA:
ANALISANDO A IDENTIDADE E DIFERENÇA NO LIVRO *MENINA BONITA DO
LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientador: Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos.

GUARABIRA/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696r Rodrigues, Aline Dias.

A representação do negro na literatura infantil brasileira [manuscrito] : analisando a identidade e diferença no livro Menina Bonita do laço de Fita, de Ana Maria Machado / Aline Dias Rodrigues. - 2021.

45 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos, Departamento de História - CH."

1. Educação Étnico-racial. 2. Literatura Infantil. 3. Beleza negra. 4. Representação. I. Título

21. ed. CDD 808.068

ALINE DIAS RODRIGUES

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA:
ANALISANDO A IDENTIDADE E DIFERENÇA NO LIVRO *MENINA BONITA DO
LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO**

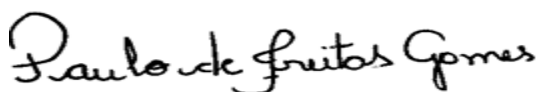
Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Aprovada em: Guarabira, 17 de junho de 2021.

BANCAEXAMINADORA:



Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos
Orientador - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Prof. Me. Paulo de Freitas Gomes
Avaliador interno - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof^a Ma. Lidineide Vieira da Costa
Avaliadora externa - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

GUARABIRA - PB
2021

Dedico este trabalho a todos os professores da
Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, sem ele nada seria possível. Graças a ele, tive a oportunidade de ingressar na Especialização e conseguir percorrer todo este processo dentro da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Agradeço à minha família, que me deu todo apoio durante a minha vida, me ensinou princípios, como sempre respeitar o próximo. Em especial, agradeço aos meus pais, Maria de Fátima e José Francisco Rodrigues (*IN MEMORIAN*), que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões.

Agradeço aos meus irmãos, Dielson e Gleyce, que estiveram bem próximos em todos os momentos e sempre foram meus incentivadores, como também o meu namorado, Anchieta, por sempre acreditar em mim.

A todos os professores, do Curso de Especialização Étnico-racial na Educação Infantil, que com grande dedicação, amizade, compreensão e esforço, transmitiram seus conhecimentos e experiências de vida. Faço esta menção com profundo sentimento de gratidão.

Ao professor, Júlio Cesar Pereira dos Santos, que me orientou na formação do presente estudo. Muito obrigada! É o mínimo que posso dizer a todos que, mesmo indiretamente, contribuíram para a conclusão desse curso e cumprir mais uma etapa da minha vida.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

O processo de representação do negro na literatura infantil do Brasil tem destacado que esse é um espaço que de modo lento foi sendo aberto para a participação deste público. Nota-se que o livro *Menina bonita do laço de fita* (1986) também se apresentou enquanto incisivo para o processo de abertura do universo literário infantil, no intuito de que os personagens negros se tornassem protagonistas dos enredos. Analisar a representação do negro na obra de literatura infantil “Menina bonita do laço de fita”, dando ênfase as questões de diferença e identidade étnico-racial foi o objetivo deste trabalho. Entre os pesquisadores que contribuíram com suas publicações para a presente pesquisa, apresentam-se os seguintes: Araújo; Dias (2020), Cademartori (2017), Hunt (2010), Machado (1986); Soares (2005). Utilizou-se da revisão bibliográfica porque ela permitiu projetar e desenvolver uma análise crítica da representação do negro na literatura infantil brasileira. A pesquisa em questão se torna importante por que, frente aos preconceitos e discriminações que acontecem de forma velada, apresenta-se enquanto um material que visa contribuir com uma melhor representação dos negros nas obras literárias infantis. O livro *Menina Bonita do laço de fita* surgiu na segunda metade do século XX, onde o Brasil é profundamente marcado pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas. A obra em questão deixa evidente as relações étnico-raciais, expondo o quanto este tema é relevante dentro do campo da produção literária, sendo capaz de suscitar inúmeros questionamentos sobre as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Educação Étnico-racial. Literatura Infantil. Beleza negra. Representação.

ABSTRACT

The process of representation of blacks in children's literature in Brazil has highlighted that this is a space that has slowly been opened up for the participation of this audience. Note that the book *girl pretty of the lace of tape* (1986) also presented itself as incisive in the process of opening up the children's literary universe, with the aim of making the black characters become protagonists of the plots. The objective of this work was to analyze the representation of blacks in the children's literature work "Pretty Girl with the Ribbon Bow", emphasizing issues of ethnic-racial difference and identity. Among the researchers who contributed with their publications to this research, the following are presented: Araújo; Dias (2020), Cademartori (2017), Hunt (2010), Machado (1986); Soares (2005). A bibliographical review was used because it allowed the design and development of a critical analysis of the representation of black people in Brazilian children's literature. The research in question becomes important because, in view of the prejudices and discrimination that happen in a veiled way, it presents itself as a material that aims to contribute to a better representation of blacks in children's literary works. in the second half of the 20th century, where Brazil is deeply marked by social, economic and political inequalities. The work in question makes evident the ethnic-racial relations, exposing how much this theme is relevant within the field of literary production, being able to raise numerous questions about ethnic-racial relations.

Keywords: Ethnic-racial education. Children's Literature. Black Beauty. Representation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Capa do livro Menina bonita do laço de fita.	29
Imagem 2	Gravura do livro Menina Bonita do laço de fita.	30
Imagem 3	Imagem representando conversa entre o coelho e a menina do laço de fita.	35
Imagem 4	Representação de diálogo entre a menina do laço de fita e o coelho	36
Imagem 5	Momento de diálogo entre a menina do laço de fita e o coelho.	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E A CONDIÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS OBRAS LITERÁRIAS NACIONAIS	15
2.1	A LITERATURA INFANTIL E A CRÍTICA AO RACISMO	15
2.2	A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	20
3	A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO A PARTIR DO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”	26
3.1	APRESENTAÇÃO	26
3.2	RACISMO E ETNIA NO CONTEXTO ATUAL COM ÊNFASE NO LIVRO MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA	27
3.3	A DIFERENÇA ÉTNICO-RACIAL NO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”	32
3.4	ANÁLISE DA OBRA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXO	45

1 INTRODUÇÃO

A representação do negro na literatura infantil brasileira tem evidenciado que esse é um espaço que somente aos poucos foi sendo propício para a participação deste público. Mediante publicações de livros e produções artísticas nesta área que representassem a questão étnico-racial, nota-se que o livro “Menina bonita do laço de fita” teve também impacto relevante no processo de abertura do universo literário infantil para que se tivessem personagens negros como protagonistas dos enredos.

Analisar a representação do negro na obra de literatura infantil “Menina bonita do laço de fita”, dando ênfase as questões de diferença e identidade étnico-racial foi o objetivo deste trabalho. Por sua vez, os objetivos específicos foram: apresentar o contexto histórico da literatura infantil e a condição de representatividade do negro nas obras literárias nacionais; refletir sobre a dimensão do racismo e da etnia; avaliar a questão de gênero e a diferença étnico-racial no livro mencionado.

Deste modo, o gênero literário infantil sempre viabiliza através de sua narrativa, importantes contribuições e influências no modo como a criança vai entender a sua realidade, sobretudo mediante o entendimento e a construção da identidade étnica e cultural e da própria representatividade que se efetua a partir de cada personagem sobre a experiência posta no enredo da história, sendo algo que pode estar presente no espaço social quanto escolar.

Por sua vez, a relevância social que o negro obteve no transcurso histórico da literatura infantil foi como figurante, subserviente, conivente ou coadjuvante com os conhecimentos e a cultura dos brancos. Esse contexto produziu um aprofundamento negativo desta etnia enquanto um grupo social inferiorizado e marginalizada não somente no campo da economia, mas também da cultura, onde seus papéis seguiam estes parâmetros nas narrativas marginalizadas nos centros de conhecimentos.

Ao se compreender um processo educacional pautado nas relações étnico-raciais, a literatura infantil se mostra como uma perspectiva estimulante junto às demandas de transformação dos padrões ideológicos, culturais, sociais e literários, tal qual deve iniciar pela inclusão dos negros nas produções culturais como sujeitos protagonistas, não apenas como coadjuvantes.

A abordagem analítica do presente tema construiu-se para dar conta da literatura infantil com recorte na questão étnico-racial, com ênfase na linha de

pesquisa sobre história social e a infância, tendo como parâmetro de análise o livro *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), da autora Ana Maria Machado.

Ana Maria Machado nasceu em Santa Tereza, Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro de 1941. É escritora e jornalista brasileira. Autora de livros infantis, sendo a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, eleita para a presidência da Academia para o biênio 2012/2013. Entre suas principais obras, destacam-se: *Bento que Bento é o Frade* (1977); *Camilão, o Comilão* (1977); *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981); *Alice e Ulisses* (Romance, 1983).

Por sua vez, compete destacar a acentuada participação de Claudius Ceccon, ilustrador do livro trabalhado nesta pesquisa. Deste modo, ele é formado em arquitetura e urbanismo pela Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), participou da primeira turma da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ). Além do mais, teve atuação como jornalista, desenhista, ilustrador e cartunista. Realizou expressivos trabalhos na revista *O Cruzeiro* como auxiliar de paginador, em 1954; três anos depois, produziu caricaturas para o *Jornal do Brasil*.

O livro *Menina Bonita do laço de fita* surge na segunda metade do século XX, onde o Brasil é profundamente marcado pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas, as quais reverberam incisivamente sobre a questão étnico-racial. Entretanto, a questão étnico-racial produz e desencadeia para debate a violência simbólica, material e física contra a população negra.

Deste modo, a publicação surge em um cenário marcado pela expressividade latente das contradições que se acumulam na experiência social da população negra, tal qual se refletia diretamente nos processos de escolarização. Essas desigualdades se apresentavam como entraves, afetando negativamente o potencial de inserção da população negra na sociedade brasileira em distintas áreas, o que levou a certos prejuízos ao projeto de construção de um país com uma democracia consolidada, tendo oportunidades para todos.

Por sua vez, é válido enfatizar que neste livro a inspiração não surge numa menina negra, mas tem por base a filha da escritora, que era de cor branca. Tampouco acreditamos que autora do livro tinha o intuito de colocar em destaque os problemas histórico-sociais do Brasil que se alastravam na cotidianidade que a mesma viveu. Além do livro de Ana Maria Machado, algumas obras marcaram essa área no Brasil do século XX: *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (1984); *Um Brasil para crianças* (1986), ambos de Marisa Lajolo e Regina

Zilberman. Todavia, a representação negra não se fez presente em nenhuma dessas obras.

A autora do livro “Menina bonita dos laços fita” é branca, mas buscou discutir na contracorrente da cultura literária de sua época, uma vez que colocou a representação do negro no centro da sua produção. Isto mostra que a mesma teve o compromisso social, político e cultural da população afro-brasileira.

Diante da delimitação do tema tratado nesta pesquisa, conseguimos construir uma problemática que dê conta do processo analítico a ser realizado. Portanto, compete apresentar a seguinte indagação que lhe expressa: como está posta a representação do negro na literatura infantil brasileira tendo como base as questões de identidade e diferença no livro “Menina bonita do laço de fita”?

A pesquisa em questão se torna importante por que frente aos preconceitos e discriminações que acontecem de forma velada, legando ao negro papéis que tentam encaixá-lo na inferioridade social e racial, ela se apresenta enquanto um material que visa contribuir com um entendimento sistemático e consistente, visando uma melhor representação desse público nas obras literárias infantis, rompendo com todo as marcas discriminatórias que ainda existe nas publicações literárias.

O tema em questão é pertinente para a literatura infantil atual, uma vez que o livro “Menina bonita do laço de fita” traz um debate contundente sobre o personagem negro enquanto sujeito protagonista da história literária, o que nos fez optar por analisar a respectiva obra. O interesse pela pesquisa também surgiu por conta de ele trazer uma significativa atualização da temática sobre a população negra no universo literário infantil.

Utilizou-se da revisão bibliográfica porque ela permitiu projetar e desenvolver uma compreensão crítica da representação do negro na literatura infantil brasileira a partir do livro supracitado, possibilitando articular informações que serviram de base para a construção da investigação proposta.

Este Trabalho de Conclusão de Curso baseou-se em pesquisas científicas que se alinharam com a temática posta. Deste modo, cabe citar alguns dos autores: Aguiar (2010); Araújo; Dias (2020); Bauman (2005); Gregorin Filho (2012); Hooks (2015); Hunt (2010); Luz (2018); Santos (2001); Santos (2016).

A revisão bibliográfica foi desenvolvida mediante escolha de trabalhos que se alinharam com o título da monografia. Portanto, foi feito uso das palavras-chave representação negra, literatura, infantil, identidade, para selecionar o material

analisado, na qual pretende-se construir uma análise precisa do objeto de estudo, isto mediante a comparação e análise do material estudado e sua consecutiva investigação qualitativa, uma vez que essa interligação deu real capacidade de demonstrar as respostas mais cabíveis a questão de pesquisa. Utilizou-se a plataforma Capes enquanto base bibliográfica para subsidiar a produção deste trabalho.

A presente pesquisa foi de natureza analítica, viabilizando conexão e ideias de modo a buscar analisar as causas e os resultados que advieram de determinado assunto, que, neste caso, diz respeito à representação do negro na literatura infantil brasileira com ênfase nas questões de identidade e diferença postas no livro “Menina Bonita do laço de fita”.

Por sua vez, o desenvolvimento dessa monografia foi realizado com base na pesquisa qualitativa. Esse perfil metodológico possibilitou construir um material de análise consistente, uma vez que esteve pautado na coleta de informações secundárias e qualitativas, mas também a descrevê-los, fazendo uso de impressões, opiniões e pontos de vista, os quais ajudam na montagem da construção teórica (RODRIGUES et al., 2007, p. 19).

Além da introdução e das considerações finais, o presente trabalho acadêmico foi estruturado com as seguintes seções. O primeiro capítulo tratou de fazer uma abordagem sistemática sobre o contexto da literatura infantil, dando ênfase à questão da representatividade do negro nas obras literárias nacionais, o que, porventura, também enfatiza o espaço que este grupo étnico-social tinha dentro do âmbito cultural brasileiro.

O segundo capítulo teceu uma análise científica sobre a literatura infantil brasileira, onde o centro da produção teórica foi o livro “Menina bonita do laço de fita”. Este capítulo foi devidamente importante porque permitiu ressaltar diversos componentes que faz entender a problemática racial na sociedade brasileira, aonde o livro trouxe diversos elementos que permitiram tecer uma análise precisa sobre a temática.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E A CONDIÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS OBRAS LITERÁRIAS NACIONAIS

2.1 A LITERATURA INFANTIL E A CRÍTICA AO RACISMO

No Brasil, é válido apenas começar a dar destaque ao campo da literatura infantil “após a implantação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. João VI ao país. As obras publicadas nessa época eram traduções e adaptações das obras portuguesas” (SOUZA; JOVINO, 2016), o que foi estruturando o caráter excludente do negro nesse gênero literário, pois os interesses dos grupos sociais dominantes – dentre os quais os dos colonizadores – estavam interpostos nessas produções.

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX, antes das últimas décadas, aonde a circulação de livros infantis era precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas. Só aos poucos é que estas passaram a coexistir com as tentativas pioneiras e esporádicas de traduções nacionais (SANTOS, 2016, p. 20).

A literatura infantil eminentemente brasileira surgiu a partir do século XX, quando se assiste a um esforço mais sistemático de produção de obras infantis, que, por sua vez, começam a dispor de canais e estratégias mais regulares de circulação junto ao público.

O surgimento do tipo de literatura tratada nesta monografia coincide com a abolição da escravatura. Nesse fim de século XIX e início do XX, vários elementos convergem para formar a imagem do Brasil como a de um país em processo de modernização e que por isso quer apresentar, ao nível de suas instituições políticas e culturais, a renovação, mas agora cultivado em moldes capitalistas mais avançados, imprimia à economia brasileira (SANTOS, 2016, p. 25).

Entretanto, a representação do negro nas publicações literárias ainda era impensável até mesmo para os autores mais avançados da época. Nesse quadrante histórico, a extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana foram elementos que começaram a configurar a existência de um público consumidor de livros infantis e escolares, dois gêneros que saem

fortalecidos das diversas campanhas de alfabetização deflagradas e liderados por intelectuais, políticos e educadores na época.

Os mesmos fatores que favoreciam a formação de uma literatura infantil brasileira, afetavam igualmente as manifestações literárias não infantis, como também inibiam o potencial criativo do negro no mundo intelectual. Neste sentido, diante de um quadro excludente para o negro brasileiro, “negava-se todo e qualquer artefato cultural, portador de estratégias discursivas, que informam e nos formam culturalmente para afirmar a identidade afro-brasileira, por meio de personagens que valorizam a cor da pele e os cabelos cacheados” (SANTOS, 2016, p. 24).

A influência contínua e cada vez mais intensificada por intelectuais brasileiros de seus pares europeus torna o período um tempo rico e complexo em termos de manifestações literárias, porém sem dar a devida importância ao negro na vida social e cultural do país, algo que só vai acontecer a partir de várias manifestações culturais e debates no decorrer do segundo quartel do século XX (SOUZA; JOVINO, 2016, p. 07).

De acordo com Reis e Domingues (2020) o movimento negro unificado teve grande influência nesse processo de abertura e inserção do negro na literatura brasileira, sobretudo na infantil. Isto se deve porque vários jornais da imprensa afro-brasileira se autodenominavam “órgãos literários” e citavam em suas páginas contos, crônicas, poemas e até romances tendo o negro como referência central, catalisando algumas das características discursivas dos intelectuais afro-brasileiros no período.

De um lado, a literatura infantil se convertia facilmente em instrumento de difusão das imagens de grandeza e modernidade que o país através das formulações de suas classes dominantes, precisava difundir entre as classes médias ou aspirantes a elas no conjunto das camadas urbanas de sua população. Do outro, um país que exalava conservadorismo, autoritarismo e preconceito de cor, ambos embasados em teorias científicas, como, por exemplo, o darwinismo social (SOUZA; JOVINO, 2016, p. 10).

Sendo assim, a baixa quantidade de literatura em que se tenha uma representatividade de negros expressa uma abdicação de comercialização de material que tenham negros como personagens principais, o que, por outro lado,

evidencia que grande parte das histórias que se dedicam mais a questão de superação ou inclusão (SOUZA; JOVINO, 2016, p. 14).

Por outro lado, começou a se abrir mais a literatura infantil para o público citado quando algumas representações se destacam no aprofundamento da pesquisa das raízes nacionais, produzindo o que se chama de modernismo literário. Em meio aos aspectos de projetos culturais e literários, dá-se início a introdução do negro com um papel ainda insignificante (SANTOS, 2016, p. 15). Destaca-se ao longo da história da origem da literatura infantil no Brasil, a permanência de estruturas sociais anacrônicas e a superficialidade das alterações promovidas em nome do progresso que explicam, por sua vez, o caráter conservador e racista que o gênero adotou.

O conservadorismo destacado anteriormente pode ao menos ser atribuído ao modelo social, econômico e cultural que tem arraigado o ranço dos padrões europeus nos quais a produção literária se inspirava, isto porque “eram os clássicos infantis europeus que disponibilizavam o material para o desenvolvimento das adaptações e traduções que precederam a propriamente dita produção brasileira de literatura infantil” (Cademartori, 2017, p. 18), que nos dias atuais são estudadas e apresentadas no processo educativo de literatura infantil.

A adaptação parece construir o procedimento que de maneira geral caracteriza boa parte do acervo do primeiro momento da literatura infantil brasileira. Em termos de linguagem, o projeto demonstra ter chegado a bons resultados e ter cumprido suas metas e êxitos, abasileirando textos que até então perpassavam por edições portuguesas, aumentando com isso sua “aproximação às crianças, embora não dessem conta de dar a devida importância a representação negra, pois esse era um mundo intelectual, erudito, composto por brancos, o que asfixiava qualquer possibilidade dos negros terem espaço” (SANTOS, 2016, p. 23).

Deste modo:

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. A representação de poder, por exemplo, é um aspecto negligenciado na literatura infantil que criou historicamente imagens distorcidas de poder colocando personagens de outras etnias convivendo e se redimindo de sua condição étnica e cultural pela proximidade com a cultura eurocêntrica (SOUZA; JOVINO, 2016, p.23).

Pelo fato de a obra literária abordar o contexto social, traz à tona, mesmo que de forma fantasiosa, os elementos da realidade que se queira representar. No caso do Brasil e a produção literária com sua vertente infantil, nota-se que existe uma supressão da presença do negro nas publicações com este estilo, isto por que ela traz uma veiculação contundente com o padrão europeu, do branco rico, mesmo em um país marcado por profundas desigualdades sociais (CENTENO; ALMEIDA; MAGALHÃES, 2016, p. 30).

Deste modo, a “literatura é fundamental para a formação de qualquer pessoa, não só no tocante à sua capacidade intelectual, mas também cultural e para a formação de cidadãos mais conscientes” (CENTENO; ALMEIDA; MAGALHÃES, 2016, p. 30), aonde quando aplicada na Educação Infantil tem extrema relevância porque a conduta da leitura não deve estar ativa somente na vida adulta, mas também das crianças.

Neste sentido, são eloquentes os títulos de alguns livros de contos e narrativas mais longas sugeridas no período inicial do século XX: Os contos pátrios (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto; As histórias da nossa terra (1907), de Júlia Lopes de Almeida; Através do Brasil (1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfin.

Em relação à literatura infantil deste período, ela foi fecunda para percepção de certas contradições, as quais foram inevitáveis num projeto tão permeado pela ideologia dominante como o que presidiu o surgimento da literatura brasileira pra crianças, uma vez que se concentrou na representação branca, do rico, marcado pelo viés cultural europeu.

Decorridos quase cem anos dos primeiros e tímidos esforços de criação de uma literatura para a infância brasileira, é notável a quantidade de títulos disponíveis e diversificados os projetos aos quais eles parecem corresponder, sem que tivesse a presença da mínima participação do público negro no enredo e, também, nas publicações. Tais fatos surgem “tanto à consecução dos objetivos assumidos pela literatura infantil brasileira ao tempo de sua formação, como um desdobramento das características presentes na longínqua iniciativa de seus pioneiros” (ARAÚJO; DIAS, 2020, p.40).

O Brasil foi se renovando com o avanço da literatura, destacando-se como iniciantes da modernização, com a expansão de disponibilidade literária, embora ainda exista um Brasil arcaico, em algumas zonas e se faça presente nas condições de vida de parcela grande de sua população (CADERMARTORI, 2016, p. 33).

Ao longo dos anos 60-70 do século XX fica bem mais complexo o modo de produção dos bens culturais, a partir de então concebidos de maneira mais condizente com a atualização capitalista em que o país está desenvolvendo. A literatura já conta com instituições que a legitimam e patrocinam, o que é permitido arquivar as formas arcaicas de mecenato que, ao longo do século XIX, presidiam as relações do escritor com o Estado (ARAÚJO; DIAS, 202).

Desde o surgimento literário, até em dias atuais, tais práticas se tornam indispensáveis para a vida social, aonde a escola alarga sua capacidade de inserção da literatura para aprenderem sobre ela, pois promove-se a imaginação, refletindo-se sobre realidades possíveis e do conhecimento do outro a si mesmo (PAIVA; SOARES, 2018).

Numa sociedade e no universo intelectual do século XX, que se propôs a adequar-se à imagem de modernidade que construiu para si mesmo, a literatura desempenhou um papel importante, uma vez que nos anos de 1960 vigorou uma ascensão de várias vertentes da literatura, afetando o país inteiro. Sendo assim:

Reverendo o processo histórico da literatura infantil é notável que durante o processo de circulações de livros ocorreu num contexto de censura política e ideológicas muito cerrado, que por muitas vezes tornavam-se retrocedendo um pouco, diante a imagem do projeto governamental, para uma consecução plena a modernização da informação era fundamental (PAIVA; SOARES, 2018, p.90).

Pode-se interpretar a partir da colocação mencionada, que para a literatura infantil brasileira fosse reconhecida, teve-se certo enfrentamento, direto e indireto, para que ela ganhasse espaço dentro de um contexto marcado pelo autoritarismo, conservadorismo e pelo retrocesso cultural que o país vivenciou ao longo da ditadura militar.

A literatura infantil brasileira é um paralelo entre o mundo imaginário e real que possibilita a fuga do pragmatismo social pelo encantamento, pela magia, visando o ideal da leitura. Gregorin Filho (2012, p. 29) ressalta que “o indivíduo busca na literatura um significado para a sua existência, bem como aplica e usa com significação no mundo real”.

Na maioria dos casos, os livros infantis de literatura brasileira possuem intenção pedagógica, por isso que são usados nas escolas. Os mesmos eram usados como pretexto para ensinar outros pontos, tornando a escola privilegiada da

produção de textos, e assim os textos literários servem como ponto de partida para o desenvolvimento da literatura infantil.

As segmentações da cultura brasileira, até os anos de 1960 são importantes para a compreensão dos caminhos percorridos pela literatura infantil contemporânea, que se repartiu: manteve algum vínculo com o nacionalismo anterior, pois o modelo educativo continuava a vigorar na escola, aonde ainda é a sua principal aliada, mas tentando-se contornar os perigos da vulgarização ou da associação ao popular, indesejável porque resíduo do atraso a ser esquecido.

A história da literatura infantil destaca-se ao longo do tempo, alargando os diversos aspectos nela existentes, onde as atividades didáticas que possibilitem o indivíduo a relacionar uma determinada obra literária. Portanto, identificá-la torna-se mais fácil, pois a literatura infantil possibilita ao leitor a compreensão, estimulando o pensar, o imaginar, proporcionando um melhoramento ao falar pelo ato de assimilar aspectos esses que foram sendo precisos ao longo do tempo, tais quais foram expressas através de histórias, contos, fabulas.

2.2 A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

No começo do século XX, ainda sobre os resquícios históricos, econômicos e culturais da abolição da escravatura no Brasil, começa a ser produzida a representações do negro no âmbito da literatura nacional, que, primeiramente, não está relacionada à fundamental contribuição cultural dos afrodescendentes para a formação social e literária do Brasil, mas sim, com o tracejo das suas trajetórias de penúria e sofrimento.

Pode-se afirmar que a produção científica daquele período contribuiu para a constituição do racismo na sociedade brasileira, uma vez que teve como propósito hierarquizar socialmente os humanos e não humanos através da raça/etnia, construindo estereótipos negativos aos não brancos. Deste modo:

As práticas eugênicas e higienistas utilizaram recursos validados pela ciência para definir as raças humanas em raças superiores e raças inferiores, raças puras e as outras, sendo a supremacia racial branca a referência do belo ou puro. Na saúde o racismo científico estruturou a medicina legal, com a figura do perito que, ao lado da polícia, explica a criminalidade e determina a loucura. Posteriormente, entra em cena a prática eugenista, que passa a separar a população enferma da sã (AGUIAR, 2012, p. 34).

Em conformidade com o que foi citado, determinadas teorias foram utilizadas para dar sustentação à teoria do darwinismo social, que sinalizava que o cruzamento racial era o grande mal para a população, tal qual submetia os povos a hibridação das raças e, consecutivamente, encadeava a degeneração dos grupos brancos e ricos.

De acordo com Schwarcz (2013, p. 39):

Foi no século XIX que os teóricos do darwinismo racial fizeram atributos externos e fenotípicos elementos essenciais, definidores de moralidades e do dever dos povos. Vinculados e legitimados pela biologia, os modelos darwinistas sociais constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas a partir de critérios deterministas e, mais uma vez, o Brasil surgia representado como um grande exemplo – desta feita, um laboratório racial.

O darwinismo social com seu viés racial aprofundou os níveis de segregação entre as raças no Brasil, sobretudo entre brancos e negros, levando uma consolidação de teorias que geraram uma compreensão errônea e preconceituosa sobre os afro-brasileiros que estavam tomando proporções cada vez maiores no quadro demográfico nacional.

Entre o século XVIII e XIX, no campo das teorias raciais fundamentadas no aparato científico, estas tinham suas razões respaldadas na soberania dos brancos sobre os outros grupos étnicos. Este preconceito se expandiu para o campo prático, configurando-se no processo de segregação racial, perpetrando tanto na área econômica, quanto, também, na cultural do Brasil.

Deste modo, o cientificismo estava embasado profundamente no determinismo biológico, onde “a forma de ser do humano como suas características intelectuais eram transmitidas de maneira hereditária” (OLIVEIRA; KUBIAK, 2019, p. 20), o que reforçou o determinismo citado através dos dados precisos concernentes às “raças” de pessoas, onde o parâmetro era estabelecido a partir da inteligência como uma entidade única, assegurada no cérebro e condicionada pelo seu tamanho e pelas particularidades na constituição do crânio.

Neste quadrante, cabe lembrar que a representação do negro inexistia nos livros antes disso e, de modo óbvio, não existia qualquer tipo de preocupação com a criança negra, tendo em vista que ainda era mantida de forma renegada toda a participação deste público na vida social e cultural do Brasil.

Por sua vez, Monteiro Lobato, embora com todas as discordâncias quanto ao seu posicionamento político-literário, foi um dos propulsores deste movimento para

inserir o negro na literatura infantil brasileira, isto com as suas diversas publicações, aonde tiveram maior amplitude sobre a população brasileira devido à inserção nos meios midiáticos do país, como, por exemplo, na televisão. Todavia, existem significativas discordâncias por conta deste autor ser considerado racista por uma parcela do movimento negro, onde representava o negro de forma inferiorizada (DUARTE, 2014, p. 20).

Na segunda metade do século XX, compreende-se que com o país em elevação econômica, adultos ou crianças pobres ainda eram inseridas na invisibilidade perante à sociedade, pois as preocupações não eram direcionadas para esses estratos sociais, levando-os a exclusão social, cultural e literária. Cabe ainda enfatizar que essa população pobre era na maioria composta por pessoas negras e não leitoras (AGUIAR, 2010, p. 04).

No âmbito das obras literárias, não existia personagens negros até a fase modernista. Conforme Gouvêa (2005, p.79), “nas obras produzidas até nesta fase os personagens negros eram ausentes ou remetidos ao recente passado escravocrata”, o que levava a engendrar certa omissão que era perpetrada por diversas razões. Primeiramente, pessoas negras foram consideradas como inferiores em relação às brancas por décadas e, até mesmo, séculos, isto tanto nos aspectos intelectuais, quanto socioculturais e cognitivos.

Em seguida, configurava-se a inexistência de um público leitor que tivesse interesse por qualquer conteúdo condizente à cotidianidade dos negros, já que a maior parte dos afro-brasileiros no pós-abolição era constituída por analfabetos e, portanto, não tinha demanda de consumo de livros.

Neste cenário marcado pelo fim da escravidão cabe ainda ressaltar a “escravidão chegou ao fim, o ex-escravo tornou-se igual perante a lei, mas isso não lhe deu garantias de que ele seria aceito na sociedade, por isso os recém-libertos passaram dias difíceis mesmo com o fim da escravidão” (SOARES, 2005, p. 13).

O fim da escravidão não implicou no advento de novos tempos com prosperidade social e econômica para os ex-escravos, que, também analfabetos encontram uma série de barreiras sociais e culturais que o Estado brasileiro não teve a mínima responsabilidade em ajudar a superar. No campo cultural este aspecto foi tão dramático quanto no econômico, pois impossibilitou que os negros avançassem no processo de alfabetização, letramento e, conseqüentemente, na sua capacidade de lidar com a cultura letrada.

Esse panorama social e cultural só começa a se transformar a partir de 1920, levando mais de trinta anos depois da abolição da escravidão. Depois do Modernismo, para Luz et al. (2018, p.79), “os personagens negros tornam-se frequentes, descritos de maneira a caracterizar uma suposta integração racial, hierarquicamente definida” aonde eles passam a aparecer nas narrativas.

Todavia, eles vão estar presentes enquanto representações estereotipadas, com perfis superficiais e nomes que se restringiam a aprofundar o preconceito sobre a cor de sua pele, como, por exemplo, “negrinho, negrinha, o preto, a pretinha entre outros. Um exemplo de representação estereotipada muito recorrente nos livros infantis dessa época eram as personagens das velhas e velhos negros” (TRINDADE, 2019, p. 48).

Estes eram na sua maior parte coadjuvantes e sempre estava na condição de empregados, o que direcionava ao recente passado escravocrata que estava entranhado na estrutura cultural brasileira. As histórias populares eram sempre expressadas por eles, mediante as narrativas verbais “carregadas de valor afetivo, contadas por pretas velhas, associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotipia e simplificação características” (LUZ et al., 2018, p.84).

Deste modo, esses personagens aprofundavam a significação folclórica brasileira e da arte da contação de histórias para o público infantil. Por sua vez, nas “obras de Monteiro Lobato, os personagens Tia Nastácia e Tio Barnabé são exemplos de negros velhos que resgatam o folclore através de suas histórias, costumes e crenças” (Trindade, 2019, p. 20), o que vai dar outros contornos a inserção da negritude na literatura infantil brasileira, a qual, neste caso, foi expandida para o cenário televisivo, teatral e musical.

O conhecimento de tia “Nastácia expresso nos costumes do negro era satirizado como sendo do povo, inferior e tolo” (Trindade, 2019, p. 22), o que rechaçava o preconceito e a desconsideração de outros estratos sociais, como, por exemplo, o do branco e rico, mostrando o perfil dominante na literatura.

Por outro lado, nota-se que além de ter a inteligência negra sempre questionada nas literaturas infantis, como na obra de Monteiro Lobato, a feição física dos personagens negros também é apresentado com marcas de profundos preconceitos que de forma implícita perpassaram para os hábitos das populações.

Deste modo:

A caracterização negativa de personagens negros nos livros infantis permaneceu por mais algumas décadas, deixando gerações de crianças afrobrasileiras carentes de uma literatura que lhes representasse positivamente. O Menino Marrom (1986) de Ziraldo é um exemplo de texto que apesar de retratar a amizade entre uma criança negra e uma branca, ao colocar o personagem negro como principal, valorizando a diversidade étnica no Brasil, acaba por corroborar em seu texto e ilustrações de maneira sutil com o preconceito (SILVA; FREITAS, 2016, p. 23).

Os livros infantis pertencentes ao âmbito do ensino formal por muito tempo desprestigiaram ou, até mesmo, trataram de renegar a figura do negro nas suas narrativas, o que expõe o preconceito velado que se transplanta dentro das histórias narradas ou apresentadas nesses materiais. Deste modo, o processo de modificação dessa perspectiva foi se dando mediante o processo de inserção dos negros no âmbito literário nacional, o que custou bastante enfretamento para a ruptura dessa visão.

O impacto cultural dessa escassez de material com esse recorte foi direto, aonde as crianças negras ficaram sem representação dentro dos livros, havendo apenas personagens brancos enquanto figuras que traduziam os interesses dominantes dentro da cultura letrada, expressando a gritante discriminação e segregação racial que se perpetra na sociedade e se replica nos livros de literatura infantil (TRINDADE, 2019, p. 46, p. 40).

Publicações na área da literatura infantil foram timidamente surgindo, porém, “sem deixar de ressaltar o preconceito racial existente neste transcurso histórico e cultural, que simplesmente retratava o processo de escravidão ocorrido no Brasil e que perpetrava, direta e indiretamente, no âmbito da cultura” (DIAS, 2013, p. 30).

Portanto:

Ao longo da história da literatura nacional, os personagens negros estiveram, em sua maioria, representados por estereótipos, que como já comentamos anteriormente, destacavam negativamente seus traços físicos e costumes de higiene, questionavam sua inteligência e os posicionavam em um lugar de marginalidade ou subserviência. Essas tendências permanecem, de certo modo, até hoje, principalmente devido às relações de poder e preconceito enraizadas historicamente na humanidade (TRINDADE, 2019, p. 18).

O perfil dos personagens negros na literatura infantil alimentara mais o preconceito de cor do que propriamente tivera como objetivo reformular o padrão cultural e estabelecer o respeito e a consideração para com o povo negro,

demonstrando o quanto o Brasil ainda tem de suprimir o passado escravocrata não apenas no campo econômico, mas também no cultural.

O enfrentamento da população negra para garantir a sua presença na literatura infantil decorre de diversos esforços que prezaram pela necessidade de que o trabalho com literatura seja antecedido de formação apropriada de mediadoras/es de leitura, sobretudo de professoras e professores, pois a acumulação de conhecimentos e estratégias para o enfrentar “o racismo no discurso pedagógico (que é produzido também por estudantes) possibilitará um campo mais propício de recepção da literatura para além do cânone” (TRINDADE, 2019, p. 23).

Devido aos grandes enfrentamentos na área política, econômica e cultural da população e dos movimentos negros pode-se alegar que a Literatura Infantil atualmente traz certa representação desse público, contendo grandes obras, as quais a criança negra pode olhar e se sentir representada e não ver uma caricatura de si.

O protagonismo negro na literatura infantil é algo que tem no máximo quatro décadas. Por conta de diversos autores, embate cultural e político têm-se na atualidade vários livros que tratam sobre a literatura afro-brasileira. Portanto, pode-se dizer que se tem uma presença significativa, mas é preciso que se escreva mais sobre isso, uma vez que a literatura afro-brasileira traduz no campo cultural a luta para que os negros possam estar mais para apresentado nesse âmbito, propiciando maior equidade política e social.

3 A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO A PARTIR DO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

3.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Ana Maria Machado publicou seu livro *Menina bonita do laço de fita* num quadro contextual em que a Literatura Infantil brasileira estava na ebulição de sua produção. Seu livro permitiu desconstruir o valor moralizante das obras de literatura infantil que se centrava na perspectiva de obras com a representação do branco, rico e das camadas abastadas da sociedade.

Com um enredo bastante simplificado, entretanto marcante, Ana Maria Machado traz nessa história a discussão da inclusão do negro e da diversidade. Além do mais, de forma interativa e lúdica apresenta a valorização do negro, colocando-se na contracorrente da produção literária nacional.

Ana Maria Machado defende nesta publicação a simultaneidade entre a realidade e o faz de conta, contemplando várias situações do universo infantil, não deixando de lado os grandes debates e questões discutiu de seu tempo. Ela sempre se atentou em abordar as preocupações dos seus contemporâneos quando escreveu este livro, mesmo que de forma infantilizada.

A autora procurou enaltecer e trabalhar as situações reais da sociedade quando escreve, abordando sobre seus valores e ideais, bem como debatendo sobre distintos e relevantes assuntos sociais de modo claro e interessante. Correlacionando “às histórias imaginativas, com personagens tipicamente brasileiros, ela traz temas que fizeram parte da história do país, como a ditadura militar e o empoderamento e emancipação das mulheres” (FONSECA, 2015, p. 19).

Menina Bonita de Laço de Fita é analisada enquanto uma narrativa curta, aonde esta apresentam particulares traços que requerem do destinatário uma compreensão mais minuciosa, embora expressem um conflito bem acentuado, centrado especialmente em apenas um núcleo de personagens. Por outro lado, não traz certo envolvimento que levem a desdobramento em núcleos coadjuvantes, dada a finalidade e a postura do narrador.

Deste modo, a dimensão espacial na qual acontece a narrativa não se inicia como os contos tradicionais que habitualmente, apontam o castelo, a floresta.

Porém, são aludidos espaços no transcurso da história, como, por exemplo, a casa da menina,... “Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa...” (FONSECA, 2015, p. 22). Uma das sinalizações ao espaço estrutura-se um intertexto, que faz uso da comparação da menina com uma princesa “Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África ou uma fada do Reino do Luar...” (MACHADO, 1986, p. 4).

As personagens da história são a menina, o coelho e a mãe da menina. Como uma narrativa da literatura infantil, trazer o personagem de um animal expresso pelo coelho evidencia a dimensão de contemplar o imaginário das crianças e adolescentes, uma vez que a presença de animais em obra de literatura infanto-juvenil “envolve uma complexidade cultural e psíquica, “sinalizando o modo como os animais povoam obsessivamente o cotidiano e o imaginário, deixando marcas nos nossos enunciados linguísticos” (HOOKS, 2015, p. 23).

Portanto, a criança vai presenciar neste conto a inovação, com a incorporação de personagens negras com a relevância da menina e de sua mãe, que, por outro lado, enaltece a beleza negra que sempre é destacada através do coelho e por várias vezes se constrói uma narrativa insistente desse personagem com a menina, querendo que a mesma lhe ensine como ser bonito e negro como ela é.

3.2 RACISMO E ETNIA NO CONTEXTO ATUAL COM ÊNFASE NO LIVRO MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Discutir o racismo na atualidade habitualmente tem produzido bastante embate de opiniões sobre o assunto em rodas de conversa, sala de aula, espaço de trabalho, o que demonstra o quanto ele está presente na historicidade e cotidianidade da sociedade, sobretudo da brasileira.

Determinados sujeitos entendem que o preconceito racial ainda está presente na sociedade, outros asseguram que ele é inexistente, o que vai gerar as profundas divergências de entendimento sobre o assunto posto, tornando-o recorrente em vários meios sociais.

Por sua vez, a designação conceitual do racismo não tem uma acepção concreta e que predomine nos meios sociais e intelectuais. Todavia, certas instituições o deliberam e, quase sempre, é produzida as divergências que tornam

infindáveis se obter um consenso sobre o assunto. Neste sentido, pode-se alcançar uma compreensão conceitual e panorâmica do racismo a partir da seguinte colocação:

Teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias). Doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras. Preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente considerada inferior (FONSECA, 2015, p. 40).

O racismo em muitos aspectos tem sua veracidade centrada na citação, uma vez que do ponto de vista prático ele constitui cultural, moral e politicamente uma hierarquização da sociedade, amparada em teorias que fundamentam concepções de mundo extremadas, que atingem os parâmetros da intolerância humana, que, muitas vezes, usa da coerção física e psicológica para reprimir determinados grupos sociais.

Do ponto de vista mais formal, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1969), tratado internacional de direitos humanos que tem seu alinhamento empreendido pela Assembleia das Nações Unidas, compreende conceitualmente discriminação racial a partir da seguinte colocação:

[...] toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública (HOOKS, 2015, p. 20).

Nota-se que a discriminação é mais profunda do que se pode imaginar. Essa amplitude da discriminação torna-se mais contundente quando ela envereda pela dimensão da raça e da cor, pois traz à tona diversos preconceitos que podem desencadear em agressões verbais e físicas.

No tocante ao debate conceitual sobre raça e etnia têm-se as devidas colocações que enaltecem o processo de entendimento desta questão. Neste sentido, raça e etnia são dois processos conceituais que se alinham a âmbitos diferentes.

A raça diz respeito à dimensão biológica, abordando a questão dos seres humanos, sendo ele uma terminologia que foi usada historicamente para discernir

categorias humanas 'socialmente estabelecidas e delimitadas. É válido ainda lembrar que do ponto de vista biológico, este conceito já foi superado e se apresentou neste debate apenas para demarcar a capacidade de inserção que o mesmo teve noutras áreas, como, por exemplo, a cultural. Por sua vez, distinções mais similares concernem à “cor de pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética” (HOOKS, 2015, p. 23).

Todavia, este conceito já foi extinto do âmbito científico, tornando-se obsoleto e sem efetividade para entender a complexidade impetrada por uma realidade que tem como fator condicionante o preconceito de cor e a profunda desigualdade social e econômica que adveio com esses fatores.

Por outro lado, a cor da pele, expressamente utilizada como caracterização racial, institui apenas uma das características que dão estruturação a um grupo étnico, os negros brasileiros. Deste modo, como forma de superar o conceito de raça, utilizamos o conceito de etnia, uma vez que:

Etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território (LUZ et al., 2018, p. 10).

O entendimento científico e conceitual sobre a etnia diz respeito aos critérios culturais, tais quais se distinguem do conceito anteriormente ressaltado, mostrando a sua distinção que se tem entre as diferentes comunidades humanas, com ênfase na sua história e sua língua.

O território, a política e os vínculos sociais são aspectos estruturadores do processo que caracteriza a questão da etnia, sendo tais mais dinâmicos, passíveis de mudanças de médio e longo prazo.

O debate realizado nesta seção do artigo permite apresentar aspectos teóricos de cunho introdutório, capazes de dar condições de entendimento para a próxima seção deste trabalho acadêmico, o qual envereda pelo enfoque na literatura e a dimensão do debate étnico-racial.

Quando se envereda por fazer uma reflexão sobre racismo e etnia na perspectiva da literatura posta no livro, entende-se que essa positividade presente na obra não representa um estímulo ao conformismo, nem tampouco demonstra uma compreensão reducionista do que expressa sobre a miscigenação no Brasil.

Por sua vez, os livros, com ênfase nos infantis, são importantes instrumentos para combater o racismo, como se pode observar na citação abaixo:

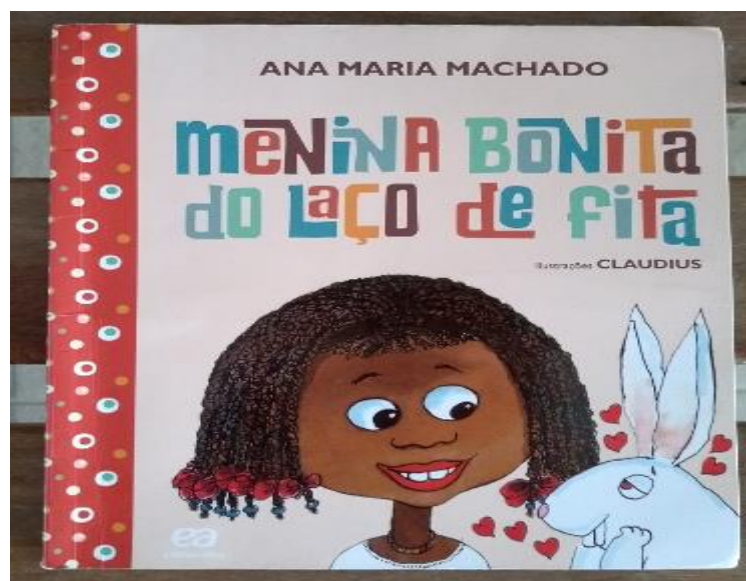
[...] os livros infantis interferem e auxiliam na formação dos nossos pequenos como críticos-sociais, dando estrutura para enfrentar o mundo com mais segurança. Introduzir assuntos através da literatura pode ser mais fácil, uma vez que o tema é apresentado de maneira lúdica e de fácil acesso (FELIPE; TERUYA, 2010, p. 29).

Deste modo, os livros se colocam como instrumentos que fazem com que as crianças comecem a desconstruir as ideias preconceituosas que são produzidas na sua cotidianidade, podendo elas terem outra noção, mais aberta, diversificada e respeitosa.

De modo contrário, o que parece estar sendo sugerido é a realização de um reconhecimento sobre o que é necessário para sem levantar uma problematização na história brasileira através da produção de livros, a fim de rompem as imagens que depreciam a cultura afro-brasileira e que consiga abrir espaços para retomar a cultura negra “não como algo exótico, mas como uma cultura que é partilhada e que anseia pelo reconhecimento” (LUZ et al., 2018, p. 17).

A partir do diálogo entre o coelho e a sua amiga, não apenas se estabelece espaço para essas histórias que ao longo do tempo foram encobertas, como se apresenta que as culturas, as identidades não se constroem de forma separada e sem conectividade social e cultural. Pelo contrário, ela é devidamente significada pela troca de experiências.

Imagem 1: Capa do livro Menina bonita do laço de fita.



Fonte: Machado (1986).

O texto de Ana Maria Machado expressa uma diversidade de vozes: “brancas resistentes à mudança; vozes negras exigindo seus direitos; vozes brancas e negras (e de todas as minorias) que se mostram solidárias na construção de uma democracia real” (SILVA; FREITAS, 2016, p. 12) pautada no debate sadio e respeitoso e no respeito às pessoas de diferentes etnias, uma vez que o livro traz ao tempo todo essa mensagem subliminar.

O coelho e a menina discutidos nesta literatura sinalizam que identidade e diferença se projetam reciprocamente, potencializando a necessidade de horizontalizar quaisquer relações sociais no cenário social, cultural e político. O ponto discutido se faz importante para ressaltar a questão da identidade étnica, “a qual se expressa pelo ato de um grupo poder contar “com membros que se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros” (GOMES et al., 2005, p. 18).

Entende-se que o material literário discutido evidencia aspectos da questão étnico-racial que podem ser discutidos com o público infantil, haja vista que tem a capacidade de estimular o processo cognitivo e promover a consciência e o respeito pelas pessoas, sobretudo as negras.

Entre a menina negra e o coelho existe um relacionamento preconceituoso velado. Porém, o enredo dá à menina a capacidade para superar com certa habilidade os preconceitos que aparecem nas colocações do coelho, como pode ser observado na gravura abaixo.

Imagem 2: Gravura do livro Menina Bonita do laço de fita.



Fonte: Machado (1986, p.10).

Nota-se uma intercalação de preconceito dentro de uma perspectiva histórica e literária, onde fica evidente que com certa habilidade a representante negra, presente neste livro, vai suprimindo os inúmeros ataques dessa natureza, como, por exemplo, evidencia-se no seu posicionamento frente ao que foi perguntado.

Neste sentido, percebe-se que a literatura se insere em diferentes campos da vida social brasileira, como, por exemplo, nas telenovelas, filmes, nas músicas, nas revistas, o que demonstra sua vastidão neste quesito.

3.3 A DIFERENÇA ÉTNICO-RACIAL NO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

De acordo com Cavalheiro (2001, p.17) os vitimados de hoje são os mesmos de ontem, pois trazem consigo o passado geracional de âmbito familiar, social e cultural. Além do mais, continua o autor já mencionado, que as raças do passado são as etnias da atualidade. O que modificou na realidade são as designações ou conceitos, mas a esquematização ideológica que estrutura a dominação e a exclusão enquanto parâmetros intocáveis dentro da sociedade.

É por essa razão que o entendimento conceitual de etnia, identidade étnica ou cultural devem passar por uma precisa apreciação, isto porque:

A compreensão de como se dá a representação da diferença no texto de Ana Maria Machado perpassa as abordagens, nos estudos atuais, sobre a identidade e a identificação. Nesse sentido, a análise de uma individualidade ou de uma coletividade pressupõe a noção de alteridade. É a partir do contato com o outro que se constitui a identidade. Para melhor entender como essas relações étnico-raciais, relações de gênero e de classe, representadas pelos personagens (coelho – menina – mãe da menina) se constituem elementos essenciais para se pensar na construção de uma nova identidade étnico- cultural, este estudo divide-se em três temas: Racismo e etnias, Gênero e miscigenação e O cômico em Menina bonita do laço de fita (VALLA; BRITO; LOPES, 2015, p. 38).

Deve-se sempre realizar uma abordagem que enalteça os aspectos que permitem diferenciar a questão da identidade e a identificação, haja vista que são conceitos centrais para o processo de formação da sociedade, isto partindo dos princípios teóricos que permitem lhe investigar.

A partir da obra de Machado (1986) pode-se afirmar que as relações étnico-raciais estão devidamente presentes, mostrando o quanto este tema é consistente entre os assuntos que estimulam a produção literária em questão. Por exemplo, o questionamento do coelho na gravura acima é central para se entender a relação preconceituosa, mesmo que esta a perpassa de modo implícito.

Dentro dessa projeção analítica realizada sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”, ressalta-se a dimensão cultural, apontando seus devidos pontos positivos e negativos, os quais devem ser enaltecidos mediante uma análise cautelosa. Por exemplo, pode-se notar esta cautela por conta que o coelho também “achava a menina negra a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida” (MACHADO, 1986, p. 10).

Entretanto, a tentativa do coelho de ficar negro, para tentar assumir a cor e o perfil que ele achava belo também mostra a outra dimensão do enredo, não deixou de enaltecer a negritude como algo belo.

A consistência do coelho em perguntar o que fez a menina do laço de fita ser negra, traz à tona a vontade que ele tem em descobrir as raízes geracionais da menina. Por outro lado, todas as respostas dela também demonstraram uma inocência que se intercala com o mínimo de afirmação étnica da mesma, onde a Machado (1986) abranda a relação entre os personagens.

O preconceito estava no presente livro analisado interposto de forma implícita na questão econômica de âmbito geracional, tal qual era potencialmente aprofundada a partir da dimensão racial, fundamentada em aspectos físicos, biológicos, com pouca ou quase nula perspectiva das ciências sociais e humanas, sobretudo pelas vertentes mais críticas que constavam essas visões conservadoras de fazer ciência.

Este preconceito velado passou a ter seu impasse resolvido quando a mãe da menina do laço de fita veio a intervir nesta relação entre o coelho e a personagem principal do enredo. Isto se dá numa circunstância marcada pela insistência do coelho em querer saber porque a menina era preta, de um lado, e a mesma sem saber mais o que responder. Deste modo, a mãe da menina do laço de fita afirmou que era “arte de uma avó preta que ela tinha” (Machado, 1986, p. 15), trazendo um processo geracional que alinha filha, mãe e avó.

Nota-se esta questão do ponto de vista da literatura infantil quando, por exemplo, o coelho branco não consegue entender absolutamente nada das

questões levantadas. Na sua visão, a menina era “a pessoa mais linda que ele já tinha visto em toda a vida” (SILVA; FREITAS, 2016, p. 28).

O livro de literatura infantil discutido se coloca na contracorrente de toda a produção tradicional porque traz a representação dos excluídos e segregados racial e socialmente, a população negra.

O debate que perpassa sobre as diferenças e identidade no livro “Menina bonita do laço de fita” traz um conteúdo pertinente para se trabalhar na realidade brasileira do século XXI por conta de se presenciarem inúmeros casos de racismo e uma segregação racial que se reveste e potencializa pela desigualdade social, replicando diretamente na vida das crianças.

3.4 ANÁLISE DA OBRA *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*

A estrutura da obra “Menina bonita do laço de fita” se constitui por um episódio não tão similar ao âmbito literário infantil, que o protagonismo da representação negra. Uma passagem do livro torna pertinente o aprofundamento das conversas, já assumindo contornos conflitantes entre o coelho e a mãe da menina do laço de fita:

Aí o coelho – que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar (MACHADO, 1986, p. 16).

O coelhinho teve a percepção da dimensão genealógica que perpassa entre a menina do laço de fita, a sua mãe e a avó, alinhando-as numa perspectiva geracional que traz extensão da representação negra dentro do enredo que compôs a presente obra.

Assim, a autora opta por uma protagonista infantil e de cor negra, episódio pouco comum na literatura infantil brasileira. Ao fazer essa escolha, a autora dá destaque a reflexões sobre temáticas concernentes ao debate étnico-racial, a genealogia e a diversidade. Em compensação, o outro personagem que estabelece o enredo é um coelho branco, que traz a notoriedade do paradoxo entre branco e negro, sobretudo por apresentar um branco preocupado e, ao mesmo tempo, admirador de uma pessoa negra (MACHADO, 1986).

Porém, a identidade racial e cultural do coelho é colocada de lado para enaltecer o perfil físico da personagem central do enredo literário. Evidencia-se um aspecto importante nesta narrativa, o episódio de a protagonista da obra não ter nome próprio e ser mencionada constantemente como Menina bonita. Deste modo, a própria narrativa joga na indiscrição.

Através desse ponto, percebe-se que não existe uma identidade particular, designando um padrão de comportamento e de beleza que distingue e enaltece um ser humano de outro, que, nessa circunstância, “a personagem central pode ser representada não apenas uma pessoa, mas as características físicas e culturais de um povo e de todas as meninas negras da sociedade, formando assim, uma identidade coletiva” (FRANÇA, 2008, p. 18).

De maneira igual, ao destacar veementemente a beleza da menina negra, a estrutura narrativa do livro vai desconstruindo o perfil de beleza confessadamente branco. Dito isto, é possível afirmar que é com base em qualidades culturais inter-relacionadas que se estabelece o processo de edificação das identidades.

Sendo assim, a dimensão elementar da representatividade está explicitamente associada à composição de nossos “eus”, uma vez que, as fontes históricas, linguísticas e culturais usadas para gerar nossas características têm relação com quem nós somos e, provavelmente, iremos nos tornar futuramente.

Percebe-se a partir do livro Menina bonita do laço de fita que as identidades se constituem conforme o modo como somos interpretados ou representados. Isto pode ser evidenciado metaforicamente a partir dos coelhinhos nascidos da relação do coelho branco com a coelha negra:

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais. Tinha coelho para todo gosto: branco, bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já sabe, afillhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado (MACHADO, 1986, p. 20).

Nota-se que os filhotes do coelho expõem, de modo explícito e implícito, o fato da miscigenação que ocorreu por conta da relação conjugal com a coelha preta. Este ponto também retrata a diversidade de estereótipos que representa o conjunto da população brasileira.

Entende-se essa questão já na fase inicial do conto, quando presencia a escolha lexical, estruturada de palavras com representações concernentes à exaltação e a diversidade da beleza negra de uma forma simples e natural, o que

elucida o cuidado com a representação fisiológica da personagem principal do enredo:

Imagem 3: Imagem representando conversa entre o coelho e a menina do laço de fita.



Fonte: Machado (1986).

A beleza da menina do laço de fita ressalta um perfil marcado pela negritude expressa na sua cor, nos seus traços fisionômicos, nos seus cabelos, na forma como se veste, no uso dos brincos. Estes elementos reafirmam a cultura negra como sendo uma das mais expressivas no campo estético.

Presencia-se nesta colocação que o padrão de beleza estereotipado, sobretudo pelos meios ideológicos da sociedade (escola, família, mídia, livros, brinquedos), é desfeito, possibilitando que se sobressaia do que é comum na literatura infantil.

Existe no livro a presença de uma posição discursiva relativa de beleza, amparada em bastantes figuras de linguagem, como, por exemplo, na frase:

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negras quando pulava chuva (MACHADO, 1986, p. 3).

Diante desse ponto, nota-se que o tecer de narrativas que colocam no centro as comparações, as quais despertam a dimensão imaginativa das crianças, permitindo que se enalteça a beleza negra, mesmo que por meio de analogias e metáforas.

Essas tomadas de posicionamento lexicais apresentam-se como parâmetros de resistência aos padrões preestabelecidos, visto que determinados traços que formam a cultura “moderna (traços mais evidentes a partir da ilustração) conferem à ciência, às artes e à filosofia um caráter de resistência, ou a possibilidade de resistência, às pressões estruturais dominantes em cada contexto” (HUNT, 2010, p. 14).

O livro em questão proporciona grande centralidade na representação negra, demonstrando, também, os posicionamentos da menina quanto da sua mãe na afirmação de suas negritudes, onde a primeira assinala de forma mais figurativa, enquanto que a segunda de modo mais contundente devido a ressaltar a dimensão geracional.

As definições da personagem, atreladas com as ilustrações contidas no livro, dá condições para se entender que a protagonista tem suas próprias particularidades identitárias, sem que se apresente qualquer tipo de conflito de si mesma, como, por exemplo, pode ser exposto na seguinte imagem contida no presente livro:

Imagem 4: Representação de diálogo entre a menina do laço de fita e o coelho.



Fonte: Machado (1986).

Compreende-se que pelo fato da menina ser assemelhada à princesa das Terras da África, até quando se é caracterizado que a sua mãe trança e enfeita com

um laço de fita colorida o seu cabelo, percebe-se a simplicidade e a forma despreocupada com que a personagem lida com os preconceitos envoltos.

Além do mais, Menina bonita nunca se questiona sobre as diferenças ou mesmo indaga porque é negra, ou, também, o que é ser negro na sociedade que ela vive. Todavia, o coelho branco pergunta a respeito do que executa para ser negra, contrariamente ao que se espera, ela apresenta elementos positivos na apresentação das respostas, como, por exemplo, o fato de ter caído na tinta preta, ingerir muito café e muitas jabuticabas (MACHADO, 1986).

Concernente à esta afirmação de peculiaridade constitutivas que compõem a identidade, é válido observar que:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (PERDERSEN; TORTELA, 2018, p. 30).

É válido analisar que a falta referenciada na citação, deriva do impacto sobre os padrões de se viver em sociedade. Habitualmente, a procura pelos mais variados perfis de técnicas de embelezamento – em sua maioria – feminino, sobretudo o capilar, evidenciam a camuflagem de conflitos étnicos-raciais que se apresentam desde a infância e perpassam até a vida adulta.

Todavia, a forma como o cabelo de menina bonita é apresentada no enredo literário demonstra uma reação ao padrão singular de beleza, como também as formas discriminatórias que trata das raízes de etnia africana, “como é o caso do uso das tranças, o que é um passo importante não só para a afirmação da identidade negra, mas para a manutenção de paradigmas baseados em um pluralismo de características étnico-raciais” (HUNT, 2010, p. 30).

Na obra em questão, nota-se que a constituição do “eu” da protagonista, acontece mediante a observação do coelho, que tem um viés admirativo pela personagem principal e, também, por tudo que ela é. Este ponto pode ser comprovado a partir das incansáveis tentativas de fazer os feitos que a menina produz, com o intuito de tornar-se negro. Este ponto está expresso na imagem abaixo:

Imagem 5: Momento de diálogo entre a menina do laço de fita e o coelho.



Fonte: Machado (1986).

Nota-se o quanto a menina de fita é enfática nas suas respostas, o que mostra certa afirmação da representação negra, tornando-se válido para poder ter espaço tanto dentro do enredo, quanto que a obra servisse de incentivo para demais publicações com esse perfil temático.

Por sua vez, a pergunta mais habitual do conto é: “– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” (MACHADO, 1986, p. 31). Percebe-se ao longo da obra que as reproduções constantes da mesma pergunta feita pelo coelho, deixam nítida a finalidade de Ana Maria Machado em apresentar a inocência da menina e a dimensão preconceituosa do coelho marcando a relação entre os personagens do enredo, aonde, concomitantemente, traz à tona que existe um porquê de os indivíduos não serem semelhantes e que a distinção faz parte da vida, naturalizando a possível resposta.

Por sua vez, o adjetivo diminutivo é apresentado dentro de contexto marcado pela afetividade, “pretinha”. Ele também é posto uso em várias ocasiões ao longo do texto, que, porém, é designado de forma não discriminatória, mas como um modo de expressar carinho para com a personagem principal.

Por outro lado, a admiração do coelho pela menina traz à tona a dimensão criativa da protagonista em criar as respostas para ele, deixando lúcida a curiosidade deles de constantemente buscarem conhecer a verdade sobre a própria existência, dando-se ênfase a questão cultural e étnico-racial (MACHADO, 1986).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia tentou atender a problemática do modo mais viável de ser evidenciada as questões de identidade e diferença no livro “Menina bonita do laço de fita”. A problematização foi interessante porque viabilizou um debate mais contundente e embasado em material científico alinhado ao tema em questão, trazendo significativas contribuições para os trabalhos vindouros que se alinhem com a temática em questão.

A partir da obra pesquisada, esta demonstrou-se enquanto contrária ao movimento de produção de literatura infantil da época que a publicação surgiu, uma vez que ela deu ênfase a representatividade negra, sendo o centro do enredo, possibilitando espaços para as vozes às protagonistas que ao longo do tempo foram silenciadas pela sociedade e cultura.

Evidencia-se que os perfis individuais não foram inferiorizados ou se sobrepuseram a nenhuma outra etnia, apenas tiveram a condição dos “eus” que têm uma marca muito forte do passado e pelo presente que se intercalam às histórias de nossas vidas ser apresentado de forma justa. Por outro lado, a autora conseguiu dar outra dimensão ao processo de reconhecimento do negro.

Dessa forma, a criança negra com seu enredo permitiu a construção de suas identidades como modo de empoderamento e resistência aos ditames impostos pela cultura dominante. Nessa perspectiva, foi viável entender a partir da obra como a cultura aprofunda-se na estruturação da composição de identidades e a forma como ela impacta a cotidianidade com a constituição das subjetividades dos indivíduos.

A pesquisa contribui para empreender uma análise crítica sobre as produções que engendram ou não representatividade racial e cultural dentro do contexto brasileiro. Nesta seção de conclusão do presente trabalho acadêmico discutiu-se também o racismo e a literatura, mostrando-se que se existe um embate de opiniões que precisam ser discutidos no sentido de esclarecer certos aspectos relevantes para o processo de discriminação e por conta dele ajudar num entendimento de que se existe a necessidade de uma literatura infantil voltada para o público negro.

Deve-se haver um entendimento científico e conceitual sobre a etnia, para que se tenha maior compreensão dos critérios culturais que estruturam cada grupo, tais quais se discernem do conceito anteriormente destacado, mostrando a sua

condição cultural que se tem entre as diferentes comunidades humanas, sobretudo quando se remete ao público negro.

Conclui-se que o livro *Menina Bonita dos laços* deixa evidente as relações étnico-raciais, expondo o quanto este tema é relevante dentro do campo da produção literária, sendo capaz de suscitar inúmeros questionamentos ao longo das publicações, como, por exemplo, pôde evidenciar na presente obra.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lilian. **As consequências do fim da escravidão no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 2010.

AGUIAR, Marcela Peralva. A causalidade biológica da doença mental: uma análise dos discursos eugênicos e higienistas da Liga Brasileira de Higiene Mental nos anos de 1920-1930. **Mnemosine**, v. 8, n. 1, 2012.

ARAÚJO, Helena Maria Marques; DIAS, Rosa Maria Noronha. O que aprendemos com as meninas bonitas? Análise de dados de uma pesquisa sobre racismo, gênero e literatura infantil. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 33, n. 53, p. 71-82, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Quatro, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. Goiás: Ed. Selo Negro, 2001.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. DF: Ed. Brasiliense, 2017.

CENTENO, Gilmara Matos; ALMEIDA, Marinei; MATOS, Epaminondas Magalhães de. Espelho, espelho meu, tenho cabelo ruim? análise da representação do negro na literatura infantil em mato grosso. **Revista FACISA ON-LINE**, v. 5, n. 2, p. 300-310, 2016.

DIAS, Alfrancio Ferreira. A identidade cultural do negro na literatura infantil de Monteiro Lobato. **Revista fórum identidade**. V. 18, n. 3, p. 265-274, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

FONSECA, Igor Ferraz da. Inclusão política e racismo institucional: reflexões sobre o Programa de Combate ao Racismo Institucional e sobre o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. **Planejamento e Políticas Públicas**, v. 4, n. 45, p. 100-118, 2015.

FRANÇA, Luiz Fernando de. Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marrom*, de Ziraldo. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 111-127, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**. Fortaleza – CE: Editora Melhoramentos, 2012.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193-210, 2015.

HUNT, Peter. Definição de literatura infantil. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Fortaleza – CE: Ed. Melhoramentos, 2010.

LUZ, Mônica Abud Perez de Cerqueira et al. **Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira**. São Paulo: Queroz, 2018.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 939-948, 2019.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. **Literatura infantil-Políticas e concepções**. Florianópolis – SC: Ed. Autêntica, 2018.

PEDERSEN, Simone Alves; TORTELLA, Jussata Cristina Barboza. ONDE ESTÃO OS COELHOS PRETOS NO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”? **Revista Diálogos**, v. 6, n. 2, p. 100-118, 2018.

PINHEIRO, C. B. F. **A construção do conhecimento científico: a web semântica como objeto de estudo**. 2008. 63 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Marília, 2008.

RAUPP, Fabiano Maury, and Ilse Maria Beuren. "Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências." *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática*. São Paulo: Atlas (2006): 76-97.

REIS, Ruan Levy Andrade; DOMINGUES, Petrônio. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. **Literatura e Sociedade**, v. 25, n. 32, p. 148-170, 2020.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 125-146, 2003.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 4.ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001. 144p.

SANTOS, Shirlene Almeida dos. **Nos traços da mulher: a Menina Negra na Literatura Infantil Negro-Brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2016.

SILVA, Santuza Amorim da; FREITAS, Daniela Amaral Silva. Representações dos negros na literatura infantil e juvenil. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 21, n. 3, p. 311-322, 2016.

SOARES, Maria Cristina. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 79-91, 2005.

SOUZA, Renan Fagundes de; JOVINO, Ione da Silva. África e africanidades na literatura infantil e juvenil contemporânea de língua espanhola: tecendo caminhos. **ENCONTRO REDE SUL LETRAS: FORMAÇÃO DE REDES DE PESQUISA**, v. 4, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. Editora Companhia das Letras, 2013.

TRINDADE, Alice Cristina Carvalho da. **Literatura infantil negra: debatendo a cor do silêncio por meio da ilustração de personagens meninos**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

VALA, Jorge; BRITO, Rodrigo; LOPES, Diniz. **Expressões dos racismos em Portugal**. ICS. Porto Alegre: Ed. Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

ANEXO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS
COORDENADORIA DE BIBLIOTECAS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA E DISPONIBILIZAÇÃO DO TCC NO REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL DA UEPB

IDENTIFICAÇÃO
LICENÇA NÃO EXCLUSIVA DE DISTRIBUIÇÃO

Autor: ALINE DIAS RODRIGUES
 Matrícula: 1901370003 RG: 3115036
 OE: Sppb UF: PB CPF: 08100318482 E-mail:
alinedrodrigues@gmail.com Telefone: 83 8197-7955
 Orientador: Profº Me. Julio César Pereira dos Santos

Trabalho de conclusão:
 Graduação Especialização Período de conclusão: 17/06/2021
 Curso: Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil
 Campus: Guarabira Centro: Humanidades

Título do trabalho: A representação do negro na literatura infantil: analisando a identidade e diferença no livro *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado.

Por assinatura e submissão desta licença, você o autor ou proprietário garante a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) o direito não-exclusivo para reproduzir, traduzir (como definido abaixo); e/ou distribuir sua submissão (incluindo o resumo) na internet e formatos eletrônicos ou em qualquer mídia, incluindo, sem limitar, o áudio e/ou o vídeo.

Você concorda que a UEPB pode, sem alterar o conteúdo, traduzir a submissão para qualquer mídia ou formato para efeitos de preservação.

Você também concorda que a UEPB pode manter mais de uma cópia desta submissão para efeitos de segurança, back-up e preservação.

Você assegura que a submissão é um trabalho original seu, e que você tem o direito para conceder os direitos contidos nesta licença. Você também assegura que sua submissão, para seu melhor conhecimento, não infringe os direitos autorais de ninguém.

Se a submissão tiver material o qual você não possui os direitos, você assegura que obteve a permissão irrestrita de cópia do proprietário para garantir a UEPB os direitos requeridos por esta licença, e que tal material de propriedade de terceiros está claramente identificado e que o reconhece dentro do texto ou do conteúdo de submissão.

SE A SUBMISSÃO É BASEADA EM UM TRABALHO QUE VEM SENDO PATROCINADO OU APOIADO POR UMA AGÊNCIA QUE NÃO A UEPB, VOCÊ ASSEGURA QUE TEM PREENCHIDO QUALQUER DIREITO DE REVISÃO OU OUTRAS OBRIGAÇÕES REQUERIDAS POR ESTE CONTRATO OU ACORDO.

A UEPB identificará claramente seu nome como autor ou proprietário desta submissão, e não fará qualquer alteração, exceto conforme permitido por esta licença, na sua submissão.

AUTORIZAÇÃO DO(A) ORIENTADOR(A)
--

Autorizo a entrega da versão final do TCC conforme dados acima:

Julio César Pereira dos Santos
 Assinatura do(a) orientador(a)

AUTORIZAÇÃO DO(A) AUTOR(A)

Declaro, sob as penas da lei, que as informações prestadas são verdadeiras e Autorizo a disponibilização do trabalho no Repositório Institucional da UEPB a partir de 16/7/2021.
 (Prazo máximo: 01 ano a partir da data da defesa)

Aline Dias Rodrigues
 Assinatura do(a) autor(a)

16,7,2021
 Data de entrega